

# TEXTO, ESTRANHO TEXTO

Júlio Paulo Tavares Zabatiero

## Introdução

Este é o número 100 de nossa revista *Estudos Bíblicos*. É um número místico, o número 100. Poderíamos brincar com as possibilidades da numerologia – cem é igual a dez vezes dez, o que significa perfeição absoluta, pois dez é igual a sete (perfeição) mais três (trindade). Ou, então, com uma expectativa menos imponente, cem é igual a quarenta vezes dois e meio – duas gerações e meia, na contagem do Antigo Testamento. Coincidentemente, ao olharmos para os nomes das pessoas que contribuem com a revista, podemos encontrar pelo menos duas gerações e meia de biblistas do Brasil e América Latina em nossas páginas.

Todavia, eu não tenho muito jeito com esses jogos místicos e numerológicos. Por isso, vou tirar proveito da mística deste número e oferecer para nosso diálogo uma espécie de auto-revisão da trajetória da leitura bíblica que se pode encontrar nas páginas de *Estudos Bíblicos*. Revisão de práticas de leitura, mas também revisão de práticas políticas e práticas de espiritualidade, pois em nosso jeito de ler a Bíblia, exegese-hermenêutica, prática política e espiritualidade se misturam o tempo todo, de tal forma que há vezes em que não sabemos onde começa uma e termina a outra. Acredito que a mais importante contribuição das milhares de páginas já publicadas esteja exatamente aqui: afirmar e reafirmar constantemente que leitura-política-espiritualidade não se separam. Lição de resistência: não mais aceitamos, como muitos de nossos antepassados nas igrejas, viver a fé cristã dentro das paredes do templo, com mãos macias e suaves de indiferença e comodismo.

Não pretendo que esta auto-revisão seja a descrição verdadeira e definitiva das práticas plurais e enriquecedoras das centenas de artigos de *Estudos Bíblicos*. Nem sequer ofereço uma análise academicamente controlada e estruturada. É uma *auto-revisão*, um olhar pessoal, subjetivo, comprometido com a própria caminhada que examino. Não sou da primeira geração de biblistas populares latino-americanos, nem das gerações pioneiras da trajetória ecumênica. Cheguei depois e fui bem recebido. Pude aprender e experimentar aspectos da fé cristã que nem sequer podia imaginar. Deixaram-me, também, contribuir com a caminhada. Textos meus foram publicados, revelando um percurso pessoal de crescimento, questionamento, mas, acima de tudo, de certo êxtase – de um sair de mim mesmo e das fronteiras de minha experiência eclesial, na companhia de homens e mulheres que me mostraram a face de Deus em diversos ângulos, perspectivas, sombras e luzes. Por tudo isso, esta revisão da caminhada é um olhar ao mesmo tempo respeitoso e crítico, agradecido e extasiado.

## Marcos de uma caminhada

O primeiro marco dessa caminhada é o testemunho de uma dupla conversão. Conversão ao *pobre* como a pessoa a quem servimos por amor a Cristo, a pessoa em quem servimos Cristos. Pessoa real, concreta, próxima. Mas, também, eminentemente, classe, desafio político, sujeito da história. Participantes de igrejas que pouco fizeram concretamente para enfrentar de modo adequado a injustiça, a opressão, a dominação sofridas por nosso continente, tivemos de nos converter ao pobre – pobre cuja presença nos chocava, nos indignava, nos fazia enxergar o rosto sofrido de Cristo em faces suadas e cheias de rugas; não mais um rosto sereno em crucifixos, vitrais, murais, imagens, textos... Conversão na qual espiritualidade e política se reencontraram, reataram o romance rompido, e geraram filhas e filhos que vivenciam a fé cristã de modo engajado, militante, histórico. Comunidades eclesiais se deslocaram do altar e do púlpito, saíram do centro do cenário e se colocaram à esquerda, à margem, tornando-se parceiras e não mais senhoras da caminhada popular. Novos momentos foram vividos, em tantos novos movimentos que se fizeram a casa da fé, templos a céu aberto, em barracas, margens de estrada, ruas, passeatas, associações, sindicatos...

Conversão à Bíblia enquanto Palavra de Deus no clamor dos pobres. Séculos de poeirenta exegese tiveram de ser limpados. Uma grande faxina se fez na casa da Palavra – por trás das palavras, uma flor sem defesa foi vislumbrada, a festa do povo foi reencontrada, portas emperradas e empenadas se abriram revelando aposentos convidativos, iluminados, cheios de vida, de uma vida que se perdera em meio às exigências acadêmicas, racionais, universitárias, clericais da ciência bíblica. Textos outrora esquecidos foram reencontrados, relidos, examinados desde quatro lados, seus conflitos revelados, os clamores antes silentes encontraram novamente ouvidos atentos, de parceiras e parceiros oprimidos, mas conscientizados, em novas saídas, peregrinações, êxodos do capital; cidades imponentes que impediam a visão se tornaram transparentes e a vida do campesinato mais uma vez se encontrou e os sons da utopia ressoaram em celebrações democráticas, ecumênicas, populares, militantes, reverentes em um grau até então desconhecido. Estranhas idéias, doutrinas, práticas se encontraram no texto outrora tão familiar das Escrituras. Estranhos que nos conquistaram e vieram a fazer parte de nossa família, fizeram entre nós seu lar.

Aos poucos, ora silenciosamente, ora altissonante, com uma gentil violência, novo marco se impôs à caminhada. Palavras foram articuladas no feminino, denunciando a neutralidade enganosa do “o” inclusivo. “Elas estão chegando” cantou-se então, chegando para ficar, chegando para mudar, chegando para mostrar a diversidade da face dos pobres. Classe, sim, mas não só classe. *Gênero*. Palavra estranha, que incomodava, que obrigava a pensar, a repensar, a sentir, a não mais ressentir. A conversão experimentada teve de se expandir. Uma nova conversão. O rosto macho da opressão ficou sem sua máscara. Belas, sim, mas muito mais do que belas. Feras, sim, mas muito menos do que feras. Elas mostraram outro jeito de ler, mais atento a coisas simples, cotidianas, corriqueiras. Elas mostraram outro jeito de escrever, mais afeito ao testemunho, à conversa, narrativas de luta, de transformação, de encanto ousaram ocupar espaços dantes relegados à irracionalidade. Todo um novo jeito de olhar para a vida,

para o mundo, para a gente. O que parecia grandioso se tornou pequenino. O que parecia imponente, se revelou banal. Coisas outrora simples, cotidianas, corriqueiras se tornaram, em sua simplicidade e cotidianidade, valores inegociáveis, utopias sedutoras. Um jeito que incomodava, incomoda, desestabiliza. O que se tornara tão familiar, se revela estranho novamente.

“Porteira por onde passa um boi, passa uma boiada.” Porta que não mais se fecha. Elas entraram e deixaram, não sei se de propósito, ou sem-querer, a porteira aberta. Novas faces, novas cores vieram habitar entre nós. Índios, índias; negras e negros. Sons que estavam esquecidos nos distantes ecos da história acharam de novo o presente. E a Bíblia se fez multicor, multiforme, cada vez mais bela, cada vez mais plural. Latino-abya-américa-ayala-afro-ameríndia. Novos cânticos, novos instrumentos, novos sons e tons deixaram a festa mais bonita, mais popular, mais ricamente pobre – categoria que se expandiu, pluralizou, embelezou. Igreja é povo, plural, que se articula, que se confronta honestamente e se diz na pluralidade, mostra as feridas abertas, para poder reconciliar sem deixar de pagar as dívidas. Tudo fica ainda mais estranho. Tribos de Israel viram espelho de tribos andinas, tupis, guaranis, astecas, maias... Cuxitas e eunucos etíopes saem das sombras e nos mostram suas faces luminosas cujo sorriso faz a leitura da Bíblia crescer na militância, ludicamente, reinventando a antiga lição de que é preciso endurecer-se, mas sem jamais perder a ternura. Novo marco.

Enquanto isso acontecia por aqui, no outro lado do mundo um muro caía. Uma visão de mundo, outrora sedutora, mostrou uma face perversa – conhecida, mas negligenciada em função de uma utopia maior, de sonhos urgentes. Um simples muro, mas quase o fim da história. Monumentos de lá caíram, movimentos de cá ficaram esmagados. O Brasil melhorou, não há como negar, mas uma ambígua sensação tomou conta de muitos de nós. Será que o sonho foi traído? A radicalidade do discurso e das práticas dantes opositoristas deu lugar à mesmice acomodada da situação? As portei­ras abertas, escancaradas, tornaram perceptível uma imensa pluralidade. Plural, fragmentário até. Tantas lutas, tantas vozes, tantas microutopias. Certezas não tão antigas assim ficaram soltas no ar. Não mais singularidades. Agora tudo se tornou plural. Por um lado, uma certeza se impõe: “um outro mundo é possível”. Por outro, um novo vocabulário, uma nova hermenêutica parece fazer seu caminho em nossas terras e comunidades. A leitura multiforme, multicolorida, se faz intercultural. Novas redes se formam, os horizontes se ampliam. Afinal de contas, um outro mundo é possível – mais que possível, necessário, urgente, imperativo.

### **Novos horizontes – Novas questões**

Um olhar assim retrospectivo pode se tornar em mero auto-elogio. Não há que desmerecer as conquistas, os avanços, os aprendizados, a criatividade nos modos de ler e de viver a fé e a militância. Há, porém, que deixar fluir a veia crítica. Aliás, sem auto-crítica, a militância se reduz a mera ignorância. Sem autocrítica, o que se aprendeu acaba esclerosado, vira ortodoxia vazia. E mata. Mata os sonhos, mata os companheiros e companheiras, mata a utopia. Mata a flor sem defesa. Permitam-me, peço, oferecer uma crítica, melhor, rezar uma confissão.

Aqui e acolá, ao lermos nossa revista, ao estudarmos a Bíblia em grupos, cursos, lutas, uma situação me chama a atenção. Mesmo diante de tanta criatividade, tantas vozes, tantos aprendizados – vez por outra um samba monótono ecoa, um sambinha desafinado, ou, quem sabe, uma bossa-nova desafinada de alguém que, no final das contas, também tem coração. De vez em quando, ao bater os olhos nos textos, somos assaltados por uma imagem extremamente familiar. Parece que, meio que de repente, a pluralidade das leituras reduz a multiformidade das Escrituras a uma nota só. Em todo lugar da Bíblia se encontra, ou opressor *versus* oprimido, ou campo *versus* cidade, ou brancos *versus* negros e índios, ou homens *versus* mulheres. Vez por outra, de vez em quando, repito, mas nessas poucas vezes (ou seriam muitas e não conseguimos enxergar?), uma ortodoxia se insinua, deslizando, serpenteando entre as místicas, militantes e celebrativas leituras.

Então, o texto se torna familiar. Torna-se espelho. De tanto olharmos para o texto, acabamos nos encontrando nele o tempo todo. Olhamos para o texto, mas enxergamos a nós mesmos. É verdade que foi por causa dessa experiência de espiritualidade que o novo se instalou entre nós que lemos a Bíblia. Se não tivéssemos encontrado na Bíblia um espelho para nossas lutas, os clamores de hoje continuaram sem ouvidos para ouvir; as lutas de hoje continuaram sem pés para semear as boas-novas; as belezas de hoje não surpreenderiam olhos a contemplá-las. Mas, o problema com o espelho é que ele mostra as coisas ao contrário. Revela, mas distorce. E quando ficamos tanto tempo a encará-lo, adeus branca de neve, reaparece a rainha má. Quando o espelho nos encanta mais do que a pessoa que ele reflete, o coração se esfria novamente, e os braços outrora abertos para receber pessoas diferentes se fecham em um abraço apertado – mas tão apertado que ninguém mais entra. Entrar não se entra mais, sair, infelizmente, sim. Abraço apertado demais acaba espirrando alguém – amassado, assustado, excluído. É assim que funcionam as ortodoxias, os fundamentalismos. Seduzem com imagens encantadoras. Atraem com carinho, amizade, amor até. Abraço apertado, aconchego, refúgio, segurança. Bonito, por fora...

Precisamos, então, olhar com mais cuidado para o espelho. Prestar atenção nas imperfeições, nas rugas, nas espinhas, no cabelo desgrenhado. E reencontrar, na própria caminhada, redescobrir, na memória, a força para fazer o abraço encontrar o aperto certo, para continuar incluindo, transformando, celebrando. De tanto olhar e matutar, ouvir e falar, me reencantei com uma coisa simples. O texto não é só espelho, é também janela. Não! Sempre foi uma janela. Janela para um mundo diferente, estranho, exótico. Tão exótico, estranho e diferente que acabamos nos acostumando com ele e ele se transfigurou em nosso próprio mundo. É verdade que as janelas podem virar espelhos. Só não podem deixar de ser janelas. Abertas para entrar a vida que está fora da casa. Aberta para a gente pular e brincar no quintal, na rua, cair na estrada, aventurar-se mundo afora.

Tantas coisas boas que aprendemos e fizemos. Não podemos esquecer-las. Uma coisa, também boa e útil, imagino, apresenta seu convite para nós. Quase uma intimação. Contra a tentação da mesmice, da familiaridade, o texto bíblico nos convida a nos reencantarmos com a sua estranheza. Foi ótimo nos acostumarmos com o tex-

to, nos sentirmos em casa com ele, fazer dele nosso espaço sagrado, nosso lugar de encontro, o ponto de chegada de nossa romaria. Agora me parece necessário olharmos novamente para o texto em toda a sua estranheza, em sua peculiaridade, em sua distância de nós. Não mais espelho. Janela, com vidros opacos, meio sujos, apenas entreaberta. Ora, afinal de contas, não é muito esquisito que filhos dos deuses desçam do céu à terra para fazer amor com as filhas dos homens? Terá sido uma resposta dos deuses machos ao movimento de libertação das deusas exploradas? Ou teria sido fruto de um movimento libertário das filhas dos homens, cansadas de sofrer sob o jugo patriarcal quiriárquico?

Não é ética e politicamente incorreto que Jesus, ao expulsar a legião de um rapaz gadareno (ou teria sido geraseno?), tenha enviado os espíritos impuros para a manada de porcos, obrigando-a a se atirar ao mar desesperadamente? Ou, que coisa terrível o Apocalipse nos oferece, com suas pragas, cavaleiros, bestas e destruições? Quem não se incomoda ao ler que Davi era um homem “segundo o coração de Deus” nos salmos, e ao voltar os olhos para os profetas anteriores descobre que Davi era mulherego, *voyeur*, assassino? Não é espantoso ler os evangelhos e chegar à conclusão que Jesus jamais seria aceito como sacerdote de igrejas cristãs – afinal de contas, ele era encrenqueiro, rebelde, amigo de gente que não prestava e, além de tudo, milagreiro, sem curso de teologia, sem eira nem beira. Que Deus é esse cujo primeiro milagre é transformar água em vinho? Ah, se Jesus fosse evangélico! Teria transformado o vinho em água...

Dei exemplos muito óbvios, mas, de fato, a Bíblia toda é muito estranha. Justificação pela fé, em Paulo, não é justificação pela fé luterana. Soberania divina não é a dupla predestinação calvinista. A rocha deixada por Jesus não é a base da sucessão apostólica etc., etc., etc. Não. Conflito campo-cidade não está presente em toda a Bíblia. Os negros também eram minoria entre o chamado povo de Deus da Escritura. As mulheres eram oprimidas mais do que a gente gostaria. E, para espanto de quem ama a santidade, o pessoal que adorava a Deus também era craque no pecado. E as bem-aventuranças de Jesus em Mateus, então! Não é feliz quem milita, mas quem pacifica. Não é feliz quem consegue a terra, mas quem alcança o reino dos céus. Não é feliz quem consegue vida boa, mas quem é perseguido, zombado, ridicularizado. Será?

Escrevi estes dois últimos parágrafos para provocar. Para me provocar, me desafiar, me chocar, me desestabilizar. Para que o texto mantenha seu poder, sua beleza, seu encanto, seu charme, sua ousadia, é preciso que nos entreguemos à sua estranheza, à sua peculiaridade, à sua diferença, à sua outridade. Dentre os vários modos de ler que descobrimos, uma atitude se faz necessária e urgente. Voltar os olhos para o texto enquanto texto. Não mais enquanto exemplo de luta, testemunho de fé, espelho de nossa caminhada. O texto, por si só, sem qualquer pretexto. Não. Não se apresse a gritar “fundamentalismo!” Fundamentalistas amam o texto porque para eles o texto só é espelho. O texto sempre concorda com suas doutrinas, medos, inseguranças e violências. Se queremos ficar livres do fundamentalismo, precisamos voltar a deixar o texto ser texto e falar sua própria voz, gritar, clamar, berrar, ferir nossos ouvidos, cegar nossos olhos, manchar nossas mãos, criar calos em nossos pés.

## Seria uma conclusão?

Ao terminar essa auto-revisão, mais um testemunho e não mais do que um simples e teimoso testemunho. Descobri que história, sociologia, antropologia, gênero, cultura, etc. são boas ferramentas. Indispensáveis. Mas descobri que elas também são perigosamente tendenciosas a transformar o texto em “espelho, espelho meu”, e nos tentam a nos apaixonarmos mais por elas do que pelo texto que lemos, e pela pessoa divina que nos ama, salva e governa na fé, espiritualidade e militância. Precisamos nos libertar do apego aos nossos queridos e amados métodos. Como somos apenas gente, precisamos permitir que outras ferramentas encontrem lugar na obra de construir a casa de todas as pessoas. Quando fazemos a memória da caminhada, nos encantamos com a liberdade que nos foi presenteada, para servir a Deus servindo às pessoas que sofrem qualquer e todo tipo de injustiça. Ao olharmos para o futuro, para o outro mundo possível, precisamos nos arriscar e nos libertar das ferramentas que nos auxiliaram tanto até hoje.

Que nossos métodos não se transformem nas panelas do Egito. Gente que põe a mão no arado, gente que se arrisca no deserto, não pode olhar pra trás, senão vira estátua de sal... Não. Não tenho nenhum segredo pra contar. Não sei que métodos colocar no lugar. Estou tentando construir meu jeito de ler, que não é meu por invenção, mas por teimosa e obstinada vontade de aprender. Mas não *creio* em meus métodos. Só os reinvento. Nem estou dizendo que deveríamos jogar fora as ferramentas amadas que nos ajudaram a construir a nossa casa. Só imagino que, se queremos um outro mundo possível, precisamos de novas ferramentas, de uma nova caixa de ferramentas, de um outro jeito de lutar, militar, amar, ler. O novo não nega o antigo. A novidade pode vir de onde menos esperamos, pois o Espírito é como vento que sopra onde e como quer. Mas se não estivermos abertos ao novo, o texto continuará tão familiar, que não mais conseguirá dizer nada para nós. Mais do que de novas ferramentas, nossos braços e pernas, pés e mãos, precisam de uma renovada paixão – pelo texto, sim, pelo texto mesmo, pelo texto enquanto texto. Paixão por essa simples e sedutora flor sem beleza. Paixão que faz da gente uma gente nova que busca união, uma nova semente...

*Júlio Paulo Tavares Zabatiero*  
Rua Engenheiro Fábio Ruschi 161  
Bento Ferreira  
29050-670 Vitória/ES  
jzabatiero@uol.com.br